



N.º 2 — 1 ANO — 1920

2.ª Quinzena de Maio

O SORRISO

QUINZENARIO HUMORISTICO E LITERARIO

Director e Redactor:

José Gomes Leite

Editor:

Antonio José Ferreira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Infante D. Henrique — BARCELLOS

COMP. e IMP., Tip. F. Marinho—Barcelos

5.ª MARÇA
BIBLIOTECA

“O Sorriso” envolto em crepes

MARIA DA SILVA VIEIRA

(A MORTE, OH! A MORTE!...)

QUANDO a vida sorri para a juventude e a aurora alegre os espiritos da mocidade, uma facinorosa loucura rouba ao convívio da sociedade uma creatura a quem a esperança parecia guiar aos fins mais honrosos, aos futuros mais ridentes!

Ah!... tão depressa nós fomos alvos de tanta tristeza, victimas de tanta saudade!

Martiriza-nos uma pungente dor que nos domina!

Escravizam-nos as paixões que profundamente nos devoram!...

Na primavera, quando nós lançamos a público este quinzenário, não sabíamos, não prevíamos que tanto em breve ele viesse tãrjado negramente, registando a falta no mundo daquelle nossa saudosa colaboradora, que para sempre nos mergulha na mais profunda dor.

Dilacera-nos a alma um pensamento que nos não abandona e que fortemente nos magoa, — a morte!...

Tudo isto não parece

realidade, mas sim um sonho!

Desligada da sorte, que a não favorecia, abandonada da felicidade, que a desprotegia, entregara-se ás garras aduncas da morte, dando as despedidas ao mundanismo e á natureza como que a sorrir, e que nós aceitamos dolorosamente chorando.

A hora tragica

(a morte é a razão final)

Foi em maio, ao cair da tarde, quando o sol escondia seus raios acariciadores, que a pobre Maria Vieira, apoderada de desespêros fatais, se entregou á morte!...

Foi nessa tarde, nove de maio, que a infeliz Maria Vieira nos disse adeus, para que da sua mente desaparecessem ideias que barbaramente a magoavam.

Poderíamos acreditar naquela resolução tão repentina?

Não; para nós foi um relampago de dor que nós dilecerou a alma, mas infelizmente era verdade.

Quantas vezes bemdi-

ziamos aquellas cristalinhas aguas do Cavado?! Quantas vezes alegremente contemplavamos o seu meigo deslizar?! Quantas vezes admiravamos aqueles românticos sussurros?!...

Mas hoje?! hoje, mal-dizemos essa enganadora corrente que arrastou ao tumulto aquella a quem nós muito presavamos e que, sem duvida, era digna de toda a consideração.

Maria Vieira!... Como tu iludias todos com quem falavas! Eras alegre e folgazã; nos teus rosados labios um riso atraente igualava-te ás Deusas do amor e ás alegrias loucas da vida, mas... senão era fantasia, ilusão nossa também não era!

Contavas apenas 17 anos!...

A vida!... Oh! a vida apressadamente te aborreceu!...

Quando a mocidade te floria e a primavera da vida te devia ser alegre, isso tudo tu desprestas-te para te entregares á morte!

Maria Vieira! Nós que

fômos admiradores da tua intelligencia, do teu caracter e do teu coração, julgavamos sempre ver gravado o teu nome neste jornal, de que eras digna colaboradora, e que tanto o soubéras engrandecer, mas... já a tua carta (publicada no nosso primeiro numero) foi uma profecia, talvez já combinada, cujo sentimento era já uma despedida bem amargurada, uma literatura bem triste.

Ah, como a tua fisionomia enganava o mundo!...

Coitada! pobre infeliz, que não encontrando consolação na vida, a procurou na morte, e oxalá que Deus se compadeça daquelle alma que só no além tumulto encontrará o que nesta vida em vão procurava: a paz, o socego e a tranquillidade do seu espirito.

...E é assim mesmo a desgraçada vida!...

Constrangido pelas mais profundas saudades, a redacção de «O Sorriso» apresenta á familia enlutada os seus

Suplicando

Se a cabeça pousamos, abatida
 Desta luta de insanas convulsões
 No cólo de Morfeu, lindas visões
 Nos povoam a mente adormecida.

Voámos, a sonhar, ás vastidões
 Do Além, que desconheces, minha vida.
 Um louco sonho a quem damos guarida
 E's tu tambem. Só feito de ilusões!

A cabeça, Morfeu, vou reclinar
 No cólo teu. Os olhos vou fechar
 Teu manto sobre mim, vem estender.

E' depois, não me acordes de repente;
 Deixa! Deixa dormir eternamente
 Este corpo cansado de sofrêr.

Maria Vieira



mais sentidissimos pesames e implora fervorosamente a misericórdia divina para que aquélla malograda alma descanse em paz e na bemaventurança dos justos!...

O seu funeral

Que não pôde ser religioso, realison-se ás 7 horas officiais, da tarde do dia 11 e constituiu, sem duvida, um imponentissimo cortejo funebre, onde todos os seus admiradores lhe quizeram render as ultimas homenagens, sendo muitissimo concorrido, não só pelas individualidades de maior destaque nesta vila, mas ainda por todos os alunos de ambos os sexos da E. P. S. onde a saudosa extinta pertencera, com todo o seu competentissimo e distinto corpo docente, que acompanhavam uma riquissima corôa de flores, artificiais, e ainda muitos bouquets de flores naturais com sentidas dedicatorias, oferecidos

pelas suas mais dedicadas amigas, que quizeram tambem desta forma prestar as suas ultimas homenagens á sua prediléta condiscipula, notando-se mesmo em muitas delas, scenas comovedoras de amargurado pranto, á sahida do seu prestito para o cemiterio publico, tendo-se feito representar tambem totalmente toda a redação do nosso jornal com a sua pequena corôa branca de flores artificiais, que era levada pelo nosso colega, sr. Luiz Alves Pereira, sendo a chave do caixão confiada ao ex.^{mo} sr. dr. Domingos de Figueiredo, na qualidade de director da E. P. S., e um dos professores queridos da desditosa joven, estabelecendo-se depois durante o trajeto variados turnos.

No cemiterio

Usaram da palavra, os ex.^{mos} ars. dr. Domingos de Figueiredo, mostrando perante a grande

assistencia, a distinta aluna que la baixar á sepultura, e quais as bellas qualidades que enobreciam aquela grande martir, que gosava da maior estima dos seus professores, e em seguida, o sr. José Gomes Leite, director do nosso jornal, que com bastante sentimento relatou a sabedoria que existia naquele cadaver, mostrando claramente o quanto ficou consternada a redação de «O Sorriso» com a perda da sua mais brilhante colaboradora, falando por final o ex.^{mo} sr. dr. Gonçalo de Araujo, enaltecendo egualmente as bellas qualidades da enesquecivel morta, e lastimando que um ministro da religião a não tivesse acompanhado á sua ultima morada...

Notas Biograficas

Maria da Silva Vieira, morreu com 18 anos incompletos e era natural da vizinha vila de Espozende, sendo filha de José da Silva Vieira, director do «Espozendense».

A saudosissima extinta, era aluna desde a data da sua fundação, da nova Escola P. Superior de Barcelos, onde se salientara sempre nos seus estudos, destacando-se das suas discipulas pela sua rara figura de intelligencia e saber, apezar de muito nova ainda.

Colaborou diversas vezes, tanto em proza como em verso, no «Espozendense» e outros, sendo muitissimo apreciados todos os seus versos, onde se notava a verdadeira inspiração poetica, com raro sentimento para as muzas.

Fez parte tambem de uma pequena troupe dramatica de Espozende, tendo chegado a vir a Barcelos representar, com certo agrado.

Colaborava ultimamente neste joven jornalzinho, onde o seu ultimo artigo literario, baseado numa dôr sentimental, alcançou o maior exito de agrado, tendo sido ella tambem a antora de um perfil intitulado *Kodac*, que assinou com o pseudonimo de *Vert-Rouge*.

Deixa ainda muita prosa literaria e variados sonetos da sua lavra, dispersos por muita parte, procurando nós reunir com a maior vontade todos os possiveis, reservando para hoje o direito de publicar um dos seus ultimos sonetos, que existiam ainda inéditos.

Deixou egualmente reunidos num delicioso volume, vários versos da sua criação, alguns dos quais já publicados, com o fim de os dar á luz da publicidade ainda um dia no futuro, cujo livro viria a ser intitulado «Violetas Dispersas».

A sua morte foi muito sentida pelas principais familias barcelenses, onde a saudosa finda gosava de inumeras simpatias, e era muito considerada pela sua intelligencia.

Nota da redação

Com bastante pesar nosso, e em virtude de á ultima hora nos haverem faltado com a chapa da fotografia da nossa querida morta, que desejava-mos ver estampada neste numero de hoje, somos forçados a só poder publicá-la para o pro-

Raul de Azevedo Carvalho

O segundo aniversario do seu falecimento

A Morte é implacavel na áncia de ceifar vidas!

Ail ainda não decorre muito tempo que ela arrebatou do nosso convívio um querido e

jámais esquecido amigo, joven preexcelso e alma diamantina, o Raul de Azevedo Carvalho!

Foi numa tarde do mez de maio, quando as rosas exalavam um arôma perturbadôr, que o Raul pendia a sua cabeça delicada, para ir dormir o sóno eterno na mansão da mortel!

E que saudade pungente nos deixou ao coração!... Que infinda saudade essa!...

O seu passamento abalou profundamente o nosso espirito e produziu imensa consternação nesta terra, ondê o Raul gosava de geraís simpatias.

Ha já dois anos que o seu corpo tão franzino, tão débil, repouza impassivel e frio num dos sepulchros que se ergue ali, a dois passos da capelinha da Senhora do Bom Succeso!

Ha dois anos que nós pranteamos a perda do inolvidavel Raul, tam cêdo



roubado ao seio de seus amargurados pais, que muito e muito o estremeciam!

Ahl como isto tudo é doloroso!... Como a vida, afinal, é um su-

dario de espinhos sem fim! O Raul contava, apenas, vinte anos quando, a Morte, (em 16 de maio de 1918), veio surpreendê-o cenicamente!

Vinte anos?! A idade mais bela da mocidade!

Vinte anos?! A idade em que o coração palpita com mais entusiasmo e ardôr!

Pois foi aos vinte anos, nessa quadra tam sublime e dôce, que o Raul succumbiu!

Duas lagrimas nos deslizaram pela face, logo que tivemos conhecimento dessa fatalidade!

Lagrimas sinceras sentimos ainda a humedecernos os olhos, todas as vezes que o seu vulto nos perpâssa pela mentel!

.....

Inanimada, frio, o Raul!

Ail que saudade infinda nos dilacera o coração!...

Que pungente saudade essa!...



«O Sorriso»

A todos os nossos pre-sados amigos, a quem mandamos o 2.º numero do nosso jornalsinho, pedimos encarecidamente a honra das suas assinaturas, e quando não nos queiram ajudar nesta espinhosa iniciativa, pedi-

mos a fineza de nó-lo desenvolver, para evitar despesas e trabalhos.

A redação

Antonio Neves Araujo

Brilhe para êle a luz eterna!

Mais um outro atirado para a vala da Eternidade, e que acaba de falecer em Penafiel, vitimado por uma lesão cardiaca.

Infeliz joven, cujo caracter está vinculado em todos que com ele lidaram, e em todos aqueles que tiveram o prazer de o conhecer.

Tambem na flôr da idade, quando tudo lhe sorria, foi cruelmente ceifado no convívio da familia, este nosso saudoso amigo que nesta praça esteve alguns anos na companhia de seu pai, sr. José da Costa Araujo, representante da Companhia «Singer» que atualmente se encontra na cidade, onde succumbiu o desventurado Antonio.

Foi um dos membros do Grupo Scenico desta vila, onde contava um grande numero de amigos, que de-veras se encontram como-yidos pela sua perda fatal.

—Oh, a mortel... a mortel!...

A todos dá peleja cegamente, não poupando nem aqueles que nos são mais intimos, e que nem tempo teem para gozar os frutos da natureza!...

Tinha vinte anos, e sempre alegremente déra combate a todos os sofrimentos, mas um dia, um dia triste o fantasma da morte, que a todos persegue cruelmente, prosta-o por terra!

Maldita a morte, que não obedecendo á dôr, á tristeza e á saudade, ronha do convívio dos seus, os

mais queridos e estremecidos entes.

Mas... sobrevem a isso uma suprema felicidade, que é o descanso eterno, junto á mansão dos justos...

A' familia enlutada, envia tambem a redação de «O Sorriso» os seus mais sentidos pesames.

AGRADECIMENTO

A familia da inditosa Maria da Silva Vieira, de Espozende, vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas desta laboriosa vila a amabilidade e delicadesa que se dignaram dispensar-lhe acompanhando até á ultima morada o cadaver dessa tão infeliz criança.

Faltaria ela a um dos mais sagrados deveres de gratidão se deixasse de patentear publicamente o seu mais profundo agradecimento ao distintissimo e altruista corpo docente da Escola Primária Superior de Barcelos, o modo cativante, nobre, altaneiro e humanitario como encarou e se pronunciou na tragica morte da sua humilde aluna Maria da Silva Vieira, dispensando-lhe as maiores atenções e acompanhando-a com todas as honras de humanidade á humilde sepultura onde com todo o amor e carinho lhe foram prestadas as derreadeiras homenagens.

A uns e a outros essa familia profundamente magoada pela perda irreparavel daquela que tanto idolatrava, vem por esta forma consignar o seu eterno agradecimento e protestar a sua inolvidavel gratidão.

Barcelos, 12-5-1920.

ximo numero, lamentando sinceramente que nos seja impossivel realçar hoje o nosso jornal com essa grande prova de gratidão, como era nosso de-
vêr.

PINHEIROS

Continuamos a insistir que ha grande vantagem para os senhores proprietarios de pinheirais em venderem os mesmos por meio de leilão, reservando-se o direito de não os entregarem se o ultimo lanço lhes não convier.

E' esta a melhor forma de tirarem um bom resultado de suas vendas. **Sempre que tenham de pôr pinheiros á venda, rogamos nos avisem.**

— Precisamos de compradores activos por conta da casa ou por conta propria com boa pratica de louvar pinheirais, podendo facilitar-lhes boas condições.

— Todo o novo fornecedor de madeira para esta casa, reconhecerá em pouco tempo as boas condições de trabalho que lhe facilitamos.

Barcelos, 16 de Março de 1920.

J. Salort y C.^a en Liq.ⁿ

Confeitaria Confiança

— DE —

AMADEU DOS SANTOS PEREIRA

Chá e café. Vinhos finos, champagne, licores tanto nacionais como estrangeiros. Completo sortido de doces de todas as qualidades. Especialidade em pão de ló de Margaride e pasteis.

Rua D. Antonio Barroso, 41-43—BARCELOS

Capsulas Sulfuro-antimoniadas

Remedio eficaz para combater a tosse

A' venda na

Farmacia Antero de Faria

Rua Infante D. Henrique—BARCELOS

Mercearia 1.^o Dezembro
DE
BRITO & C.^a

*Especialidade em chá,
café e azeite*

Rua Infante D. Henrique
BARCELOS

MADEIRA DE FORRO E BITOLA

Compram-se madeiras de forro e bitola. Para tratar, todas as quinta-feiras, com

J. Salort y C.^a en Liq.ⁿ

Fabrica de Serração—BARCELOS

Oficina de relojoaria
e ourivesaria

VENANCIO F. LOUREIRO

Rua Infante D. Henrique
— BARCELOS —

Concerta-se com toda a rapidez e perfeição, tudo quanto diga respeito á arte.

OFICINA DE CALÇADO E ESTABELECIMENTO DE CABEDAIS

— DE —

Antonio Fernandes Rosas

Nesta officina executa-se, com perfeição e rapidez, todo o calçado para senhora, homem e creança. Também tem á venda toda a qualidade de cabedais, por preços baratissimos.

RUA D. ANTONIO BARROSO, 9 e 11—BARCELOS

Nova Casa de Correaria e Selaria

— DE —

FRANCISCO DE SA

2, Largo da Câmara Municipal, 4 — Barcelos

Malas de diferentes qualidades, polainas, portamantas, arreios para parelha e cavallo só, selas, esporas e mais artigos que não merecem enumerar, tudo isso se encontra á venda nesta casa. Preços modicos.

MERCEARIA DIAS

— DE —

Antonio Dias Gomes

Rua Infante D. Henrique, 45 — BARCELOS

Chá e café. Papelaria. Azeites especiais. Massas de superior qualidade. Vinhos finos e de meza. Bolachas, biscoutos de Viana e Pova. Farinhas alimenticias, ditas de trigo e sementes.

O Sorriso

Condições de assinatura:

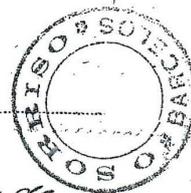
Barcelos, Provincia e concelho, trimestre \$30

Quinzenário Humorístico e Literário

(Pagamento adiantado)

Redação e adm. Rua Infante D. Henrique — BARCELOS

Ex.^{mo} S.^{no}



Biblioteca da Universidade de

Covilha